



Estudos sobre a Sociologia em tempos de desordem

Resenha do livro FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair Araújo. Campos das ciências sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2020.

José Ernesto Wenningkamp Júnior¹

A organização e desenvolvimento do livro “Campos das ciências sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal” são de autoria dos pesquisadores Rita de Cássia Fazzi e Jair Araújo Lima. Fazzi é formada pela Universidade de Juiz de Fora em Ciências Sociais, possui mestrado e doutorado em Sociologia, atuando como pesquisadora nas áreas da Sociologia que envolvem questões raciais e de trabalho infantil. Lima é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, trabalhando com sociologia analítica e do crime, bem como psicologia social.

A obra conta com 804 páginas divididas em 5 seções. Em cada seção, uma área de conhecimento é apresentada ao leitor, como epistemologia, campos recorrentes e emergentes, política e democracia, e questões metodológicas, que trazem trabalhos de pesquisa científica com o intuito de esclarecer temas importantes para a sociedade.

Atualmente, o mundo cada vez mais globalizado sofre com situações em que parcelas da sociedade padecem à espera de um auxílio. Questões como esta, recorrentes nos estudos da sociologia, são discutidas no livro, pois para entender a construção da sociedade há a necessidade de se entender primeiramente como ela funciona.

O texto que abre o livro é “Sociologia do Conhecimento”, de autoria de Renan Springer de Freitas, no qual é apresentado um quadro geral de como funciona e se desenvolve a sociologia na atualidade. Ao fazer essa construção, o autor apresenta as questões sociológicas mais discutidas no mundo. Um dos exemplos utilizados é o “terraplanismo”, um dos assuntos mais abordados no Brasil e no mundo.

¹Possui graduação em Jornalismo pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória (2019). Cursa atualmente o curso de Tecnólogo em Produção Audiovisual pelo Centro Universitário de União da Vitória. Atualmente é acadêmico/pesquisador do Centro Universitário da Cidade de União da Vitória, pelo Projeto de Incentivo a Pesquisa Acadêmica (Pipa), no trabalho, “A infância e a adolescência na imprensa de União da Vitória - PR e Porto União - SC: uma leitura cultural. Apresenta experiência científica na grande área de pesquisa em jornalismo impresso.

Há alguns anos seria pouco provável que o mundo estaria discutindo o formato do planeta Terra. Isso ocorre após mais de 500 anos da expedição de Fernão de Magalhães, que cruzou o planeta e provou que a Terra é redonda. Mesmo período em que Galileu provou, por meio de estudos astrofísicos, que o planeta Terra possuía formato esférico e não plano, como pregava a igreja.

Porém, em um momento cada vez mais complexo da sociedade, o “terraplanismo” começou a ganhar corpo. Um número gradualmente maior de pessoas começou a se organizar em torno da afirmação de que o planeta Terra é plano. No Brasil atual, a dita afirmação, contra todos os estudos científicos, é difundida até por parlamentares do Congresso Nacional.

Segundo Freitas, o “terraplanismo” se encaixa como uma hipótese notável que não tem facilidade em ser sustentada, sendo uma alegação socialmente explicável. “Em outras palavras, a existência desta alegação depende, em última análise, da existência de seres humanos cujo acesso das próprias faculdades mentais foi bloqueado” (FREITAS, 2020, p.21).

Ao observar a afirmação do autor, pode-se levantar o questionamento de como a população, em pleno século XXI, chegou ao ponto de questionar o formato do planeta Terra. Segundo Freitas (2020, p. 22) “toda forma de conhecimento, inclusive o científico, é contingente a jogos de interesses e a acordos localizados”.

São nesses possíveis acordos localizados que o pensamento conservador pode entrar e fazer com que ideias como a do “terraplanismo” ganhem *status* de campo de estudo, sendo discutidas por uma parcela da sociedade.

Isso também ocorre com a discussão sobre a utilização de remédios sem comprovação científica no tratamento da Covid-19. Alguns médicos, que estudaram e têm compreensão do conhecimento científico, afirmam que remédios como a Cloroquina podem combater o vírus. Essa parcela de profissionais se enquadra no grupo dos que possuem um pensamento mais conservador, trazendo assim, por meio de jogos de interesses e acordos, uma afirmação errônea para o debate.

A discussão de parcelas da sociedade em torno do “terraplanismo” é apenas um dos inúmeros pontos que gradativamente passaram a ganhar corpo, fazendo da sociedade um campo minado de discussões e embates, muitos desses sendo alimentados por políticos e “pensadores” que difundem o negacionismo.

De acordo com Alexandre Galeno Araújo Dantas e Fagner Torres de França, no terceiro texto do livro, é cada vez mais importante que a sociologia do presente consiga “elaborar vias de abordagens da realidade capazes de enfrentar fenômenos sociais cada vez mais complexos e multidimensionais” (DANTAS; FRANÇA, 2020, p. 66).

Tendo os estudos de Edgar Morin como base, os autores apresentam como principal constatação que a renovação da sociologia será impossível sem que pensadores, professores e pesquisadores das ciências sociais indiquem os estudos de Métodos como um dos principais alicerces da mudança no conhecimento sociológico.

Morin, em *L’aventure de La Methode* (2015), resume os seus estudos em quatro eixos: (i) o mundo físico, (ii) o mundo vivo, (iii) a transdisciplinaridade e (iv) o conhecimento. Porém o primeiro ponto apresentado por Morin é o mais importante, pois é ali que ele apresenta como necessidade atual a de “compreender o mundo não mais como parte de uma ordem determinista, mas, [...] o concebe como a dialética ordem-desordem-organização como uma relação entre interações e retroações” (citado por DANTAS e FRANÇA, 2020, p. 68).

O Brasil atualmente observa a sua política adentrar cada vez mais em um campo de desordem e escuridão. Nesta questão, pode-se dizer, de certa forma, que o país vive hoje como sociedade o modelo proposto por Morin. Porém resta apenas observar que após a desordem, as terras tupiniquins serão colocadas em uma organização.

Muito do que o Brasil vive hoje deve-se à forma como o meio político foi sendo desenvolvido com o passar dos anos, principalmente após a redemocratização na década de 1980. Atualmente, é difícil que algum brasileiro se surpreenda ao saber que determinada verba foi desviada de uma obra pública para o bolso de um vereador, assessor ou deputado. Segundo Azzi e Russo (2020, p. 163), no texto intitulado “Teoria social cognitiva e as

ciências sociais no Brasil”, esse modo operante de uma parcela da classe política brasileira faz com que exista um desengajamento moral da política como um todo.

O desengajamento moral pode ser entendido a partir dos estudos de Bandura (citado por Azzi e Russo, 2020, p. 158). Ele apresenta a Teoria Social Cognitiva (TSC), que explica a situação vivida pela política brasileira atualmente como sendo a falta de uma “percepção de autoeficácia”. Isso ocorre, pois a política vem sendo massacrada pela corrupção a cada nova legislação, e assim grande parcela dos eleitores se vê sem perspectivas de uma melhora no futuro. “[...] Se as pessoas não se sentirem capazes de lidar com as situações que levam ao alcance de objetivos formulados, elas provavelmente não se engajarão nas atividades” (BANDURA, 1991, p. 45-103).

Essa falta de engajamento nas atividades, se observado pelo aspecto político, pode também ser entendida com o auxílio Morin (citado por Dantas e França, 2020, p.64), quando ele apresenta a ideia de que a sociedade deve viver em um sistema de ordem-desordem-organização. Na conjuntura atual, alguns países vivem o seu momento de desordem.

Voltando aos estudos apresentados no livro, observa-se que o campo do pensamento sociológico existe para além daquele que estuda o comportamento político, como foi citado acima. A Seção 2 reúne trabalhos ligados à cultura, esportes, trabalho, organizações, entre outros.

Na seção IV, intitulada “Teorias políticas e democracia”, Eduardo Silva apresenta o texto “Representação política e suas ressignificações” (2020, p. 660), no qual utiliza Hobbes para definir o conceito de representação, que é composto por dois elementos: o agente e a autorização

[...] o representante é uma pessoa artificial que age por meio de uma autorização que lhe foi concebida por outro(s). É um ator que personifica uma ação que não pertence a ele, ou seja, que é de autoria de outro(s). [...] A soberania do representante é constituída a partir do pacto social, no qual o representante é autorizado a exercê-la, com a condição de manter a ordem, garantindo a vida e a integridade dos indivíduos. (SILVA, 2020, p. 600)

A formação contemporânea dos governos representativos, porém, difere do que é defendido por Hobbes. Em grande parte das democracias mundiais, o poder político “[...] caracteriza-se pela existência de um governo

constituído por meio de eleições livres, justas e periódicas” (SILVA, 2020, p. 662).

Tendo observado os pontos citados acima, pode-se entender que o modelo apresentado e defendido por Hobbes não consegue ser compatível com o que vem sendo construído através dos anos em todos os continentes. Essa diferença fica clara quando se observa que, no modelo de poder que existe atualmente, o político deve prestar contas de tudo o que seu governo faz para a população. Porém, ao analisar apenas o Brasil, pode-se notar que os estudos de Hobbes fazem falta para a atual forma de fazer política.

A partir da eleição de Bolsonaro, a forma de se governar o Brasil assumiu publicamente a intenção de direcionar o governo apenas para aqueles que convém, desconsiderando os estudos de Hobbes, que afirmam que a população é um todo. Neste mesmo argumento, o governante deveria trabalhar para toda a população, não apenas para uma parcela. Essa situação também pode ser observada durante os quatro anos de governo Trump nos Estados Unidos.

Ao se observar a Sociologia, pode-se notar que ela é mesmo tão grandiosa quanto o livro “Campos das ciências sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal”. Entender os seus contornos e divisões, para assim desenvolver questionamentos e estudos, é um trabalho árduo, porém não impossível.

Nesta resenha, abordamos quase que exclusivamente a sociologia política e os seus desdobramentos. Essa escolha se justifica pelo momento de questionamentos referentes ao meio político e à democracia brasileira. Momento este construído desde os idos de 2013.

Entretanto, o livro apresenta estudos dos mais variados campos, tais como a sociologia das emoções, ambiental e de gênero, políticas públicas e pesquisas quantitativas. Assim, Fazzi e Lima conseguiram reunir materiais importantes para aqueles que desejam se aprofundar no estudo da sociologia.

Para estes, recomendo tirar um tempo, se desligar da tecnologia e mergulhar profundamente no livro aqui resenhado. Pelo seu volume, em um primeiro momento pode parecer assustador, entretanto, ao debruçar-se sobre a obra será possível entender como a principal base do mundo é a

sociologia. São pouco mais de 800 páginas do mais puro conhecimento básico sobre direitos, deveres, política, democracia e principalmente, igualdade.

Referências Bibliográficas

BANDURA, A. Social cognitive theory of moral thought and action. IN: KURTINES, W.M. & GEWIRTZ, J.L. (eds.). Handbook of moral behavior and development. Vol. 1. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991, p.45-103.

MORIN, E. L'aventure de la méthode. Paris: Du Seuil 2015b.